

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

A NOIVA DO DIABO

377.
P. 143



2085

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



A NOIVA DO DIABO

Autorizado e registrado de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 93-1374
SAO PAULO - 6

A NOIVA DO DIABO

Já tomei por distração
Ler romances de amor
Onde bebo a poesia
Da pena dum escritor
Que sabe satisfazer
A alma dum trovador.

Há poucos dias atrás
Li um famoso romance
Chamado: "A noiva do Diabo"
Decorei lance por lance
Para transformá-lo em versos
Como está no meu alcance.

É uma história amorosa
De lances sentimentais
Aonde se vê o Diabo
Com as tramas infernais
Cair por terra diante
Das forças celestiais.

No romance também vemos
A queda dum feiticeiro
U'a madrasta perversa
Um pai mau e cachaceiro
Uma filha sofredora
E um rapaz cavalheiro.

Vamos dar alguns detalhes
Da formosa Diolinda
Com sua excelsa beleza
Mas muito criança ainda
Só a formosura deu-lhe
O apelido de "Linda".

Loura de olhos azuis
Em beleza era um tesouro
Seus cabelos pareciam
Milhões de fios de ouro
Cobrindo seus belos ombros
Como um sublime decôro.

Pele macia e rosada
Com o perfume do lírio
Porém com tôda beleza
Linda vivia em delírio
Porque era uma infeliz
Sôbre uma cruz de martírio.

Porque com grandes esforços
De dia à noite estudando
Fêz um curso de Ginásio
Com sua mãe ajudando
No pedal de u'a máquina
Para às lojas trabalhando.

Porém a foice da morte
Com tôda severidade
Levou a sua mamãe
Para a Santa Eternidade
Sacudindo a pobre Linda
Nas cinzas da orfandade.

Sempre ia à Santa Missa
Em uma igreja singela
Com orações fervorosas
Pedia a Deus, na capela
O Céu para sua mãe
E o conforto para ela.

Com a morte da espôsa
O Adolfo pai de Linda
Disse: Quando a mulher morre
O compromisso se finda
Procurou logo casar-se
Pois estava moço ainda.

Linda teve por madrasta
Uma velha cartomante
Com o nome de Anastácia
Perversa, vil, arrogante
Faladeira e preguiçosa
Dum gesto repugnante.

Linda já por êsse tempo
Empregada trabalhava
Com sua capacidade
Num escritório e ganhava
Um ordenado pequeno
Porém, para ela dava.

Acontece que o seu pai
Depois de casado deu
Para beber e jogar
E o seu emprêgo perdeu
Dominado pelos vícios
Para o trabalho morreu.

Quase só vivia em casa
Porque já não trabalhava
E o ordenado de Linda
Das mãos da filha tomava
Fazia a feira e o resto
Bebia todo e jogava.

E a pobre de Linda tinha
Ainda as obrigações
De lavar e engomar
Fazendo duros serões
E trabalhar na cozinha
Preparando as refeições.

Pois Anastácia, a madrasta
Em casa nada fazia
A vida era deitar cartas
E fazer feitiçaria
Enquanto Adolfo na rua
Jogava muito e bebia.

A moça já não sabia
O que devia fazer
Para retirar o pai
De jogar tanto e beber
E agradar a madrasta
P'ra não fazê-la sofrer.

Pensava que só havia
Um meio justo e capaz
Era ela se casar
Quando encontrasse um rapaz
Distinto e correspondesse
Com os seus bons ideais.

Então, no mesmo escritório
Onde Linda trabalhava
Havia um moço empregado
Que ela o simpatizava
E era até correspondida
Porém não acreditava.

Pois o rapaz era tímido
E se conservava quêdo
Ganhava menos que ela
E porisso tinha mêdo
De não ser correspondido
Assim guardava o segredo.

Porém com o tempo foi
Perdendo mais o temor
Porque o seu coração
Batia com mais ardor
Até que chamou a moça
E declarou seu amor.

Dizendo: — Linda, eu sou pobre
Um miserável infeliz
Porém adoro os seus modos
E o meu coração me diz
Que só você nesta vida
Pode fazer-me feliz.

Porém o meu ordenado
No momento não permite
Me casar, porque não quero
Que casado necessite
Você ficar trabalhando
Para que nos facilite.

Assim declaro porque
 É meu coração quem quer
 Porém terei paciência
 E se você me quiser
 Hei-de fazê-la feliz
 Um dia quando puder.

Linda lhe respondeu: — Angelo
 É nobre a sua intenção
 Eu também amo a você
 De todo o meu coração
 E a sua sinceridade
 Aumentou minha paixão.

Quanto ao seu ordenado
 Diferença não nos faz
 Porque eu posso ajudá-lo
 Com meu trabalho capaz
 Mulher ajudar marido
 Hoje é comum demais.

Assim, quando desejar
 Se está mesmo disposto
 Pode pedir-me a meu pai
 Que é de todo o meu gosto
 E quanto a minha madrasta
 Pode morrer de desgosto.

Angelo muito animado
 Disse: — Domingo, eu irei
 Pedi-la e conforme as coisas
 Com um mês me casarei
 Linda disse: — Pode ir
 Que lá o esperarci.

No domingo, enquanto Linda
 Esperava o seu amado
 Trabalhava na cozinha
 E o velho Adolfo sentado
 Numa cadeira, na sala
 Cochilava embriagado.

E numa banca, Anastácia
 A "mãe da perversidade"
 Consultava às suas cartas
 Investigando a verdade
 E depois gritou: — Adolfo!
 Nós vamos ter novidade!...

O velho resmungou bêbado:
 — Que besteira é essa agora?
 Anastácia disse: — As cartas
 Dizem que não há demora
 Talvez que a novidade
 Venha dentro de uma hora.

Ou certo ou coincidência
 A velha tinha acertado
 Com menos de dois minutos
 O rapaz era chegado
 Bateu palmas, esperando
 De lá sair consolado.

Ouvindo bater na porta
 Disse a velha: — Olhe a besteira!
 O velho Adolfo no susto
 Deu um pulo da cadeira
 E caiu esparramado
 Perto duma escarradeira.

— “Estaferma”, disse a velha
 Com a voz rouca tremendo
 Para saber o que era
 A moça veio correndo
 — Vá abrir aquela porta
 P’ra ver quem está batendo!

Quando Linda abriu a porta
 Ângelo surgiu contente
 Ela mandou-o entrar
 Muito atenciosamente
 A velha vendo o rapaz
 Chamou o marido urgente.

Dizendo: — Oh! Adolfo, acorda!

Que aqui está um moço
 O velho se acordou tonto
 E disse com alvoroço:

— Corda? Para que a corda?
 Para arrochar meu pescoço?...

A velha disse: — Que corda!
 Faça uma ação honita
 É um rapaz que chegou
 Nos fazendo uma visita
 E quer falar com você
 As coisas que necessita.

E Linda nesse momento
 Com o moço aproximou-se
 O velho inda meio tonto
 Da bebedice acordou-se
 Com as apresentações
 A moça assim declarou-se:

— Papai, com sua licença
 Apresento êste rapaz
 Meu colega de trabalho
 Respeitador e capaz
 E porisso convidei-o
 Para conhecer meus pais,

Adolfo com a conversa
 Ficou bom da bebedeira
 Olhando para os presentes
 Consultando a feiticeira
 Angelo tomou a palavra
 E falou dessa maneira:

— Senhor Adolfo, eu queria
 Se acaso o senhor puder
 Falar-lhe em particular
 Um assunto de mister
 O velho gritou com raiva:
 — Pode dizer o que quer!...

— Eu namoro a sua filha
 Por quem sou correspondido
 Quero o seu consentimento
 Aceitando o meu pedido
 Também pela sua espôsa
 Espero ser atendido.

O velho com raiva disse:
 — Como é que você vem?
 Com tamanho atrevimento
 A uma casa de bem?
 Minha filha não se casa
 Nunca com um "João Ninguém".

Só um rapaz muito rico
 Pode casar-se com ela
 E você só vem pedi-la
 Pondo confiança nela
 Para casar-se, porque
 Quer viver à custa dela.

O rapaz quis responder
 Com tôda indignação
 Porém pensou que o velho
 Estava com a razão
 Porque êle nada tinha
 A não ser o coração.

Assim cabisbaixo e triste
 Baixou a vista vencido
 Disse: — O senhor tem razão
 Vou embora decidido
 A só voltar rico, para
 Fazer-lhe o mesmo pedido.

E disse: — Até breve, Linda
 Saindo rapidamente
 Adolfo mais Anastácia
 Cada qual ficou contente
 Enquanto que a pobre moça
 Chorava convulsamente.

Um turbilhão de idéias
Cruzavam na sua mente
Depois murmurou consigo:
Meu pai é inconsciente
O meu noivado com Ângelo
Já sei porque não consente.

Porque com minha madrasta
Vivem do meu ordenado
E ainda por vingança
Acusam meu namorado
Só não fugirei com êle
Porque sei que é pecado.

Pois como religiosa
Deus me livre de pecar
Meu noivo voltará rico
E haveremos de casar
Meu pai não terá motivos
Para o ato recusar.

Linda só alimentava
Na vida uma esperança
Que Ângelo voltasse rico
Na barca da abastança
Para casar-se consigo
Como um ato de vingança.

Assim os dias passavam
Sem que a moça tivesse
Uma cartinha de Ângelo
Que uma esperança desse
Aonde ela confiasse
Na notícia que viesse.

A tristeza dia a dia
Estampava no seu rosto
As marcas do sofrimento
Nos ditames do desgosto
Sofrendo as humilhações
Sem encontrar um encôsto.

Até que ouviu um dia
O seu pai dizer assim:
— Anastácia, o "Sem Vintém"
Nunca mais voltou a mim
Pelo que está mostrando
Parece que levou fim.

Disse que voltava rico
Para com Linda casar
Como se riqueza fôsse
Coisa que se pode achar
Essa é boa, ah! Idiota!
E começou gargalhar.

Linda aborrecida disse:

— Já que o senhor se descobre
 Não querendo que eu me case
 Com o Ângelo por ser pobre
 Eu vou agora casar-me
 Com um moço rico e nobre.

A moça tinha ferida
 Sua sensibilidade

Porisso, disse: — Eu agora
 Falo com sinceridade
 Ninguém jamais poderá
 Se opôr à minha vontade.

Adolfo com Anastácia
 Se olharam estupefactos
 Porque nunca tinham visto
 De Linda, tais desacatos
 Assumindo com audácia
 O pecado dos seus atos.

Com isso, a velha Anastácia
 Contratou logo um vigia
 Um menino jornaleiro
 Que treze anos teria
 Para investigar a moça
 Saber o que ela fazia.

O gazeteiro aceitou
 Pois era necessitado
 E dentro de poucos dias
 Chegou e disse vexado:
 — A moça que eu tocaio
 Tem agora um namorado.

— Maldita, gritou a velha
 Eu nunca confiei nela
 Adolfo disse com ódio:
 — Deixe que eu engano ela
 Depois passo a espingarda
 Nesse namorado dela.

A velha disse: — E quem é
 Esse bandido sicário?
 Disse o menino: — É Rodolfo
 Um grande milionário
 Dono de uma grande loja
 Na avenida do Rosário.

Entre a cidade e a casa
 Aonde Linda morava
 Havia um capão de mato
 E quando a moça voltava
 Até perto da morada
 O rapaz lhe acompanhava.

O velho sabendo que
Havia êsse contrato
Disse: — Eu vou ficar no bosque
Para tocaiar o "pato"
Lá dou-lhe um tiro nas costas
Depois enterro no mato.

A velha disse: — Qual nada!
Deixe o negócio comigo
Hoje depois do jantar
Vou à casa dum amigo
Que resolve o nosso caso
Sem causar nenhum perigo.

Anastácia sorridente
Disse para o gazeteiro:
— Receba esta importância
E me seja verdadeiro
Trazendo qualquer notícia
Receberá mais dinheiro.

À noite enquanto a menina
Na cozinha trabalhava
A velha na sua alcôva
P'ra sair se preparava
A pobre moça inocente
De nada desconfiava.

Porque quase sempre, a velha
Tôdas as noites saia
Porém qual o seu destino
A mocinha não sabia
Também nada censurava
Porque não compreendia.

E como tôdas as noites
Aquela saída viu
A velha piscou o olho
Para o marido e sorriu
Depois disse: — Eu volto já
Abriu a porta e saiu.

Seguindo por entre árvores
Embora sem sentir medo
Passou uma ponte velha
Pensando no seu segredo
Chegou com poucos minutos
À cabana de Manfredo.

Um terrível feiticeiro
Conhecido como brabo
Diziam até que êle
Tinha parte com o Diabo
E por qualquer importância
Duma vida dava cabo.

Na casa do feiticeiro
 Quem entrasse logo via
 Na janela, um gato preto
 Símbolo da feitiçaria
 E na mesa uma caveira
 P'ra fazer a bruxaria.

A velha entrando abraçou
 Seu colega de ofício
 Lhe dizendo: — Eu vim aqui
 Com um grande sacrifício
 Para pedir a você
 Que me faça um benefício.

Então pediu como quis
 Ao feiticeiro malvado
 Que ouviu e depois disse:
 — Seu ódio será vingado
 Sua filha será salva
 E o rapaz é liquidado.

Com quarenta e oito horas
 A “parada” é resolvida
 Linda perde o namorado
 E você é atendida
 O Diabo ganha uma alma
 E um homem perde a vida.

A velha voltou contente
 Por tudo que tinha feito
 Chegando cá disse ao velho
 Que sorriu de satisfeito
 Assim ficaram calados
 A espera do efeito.

Linda namorou Rodolfo
 Com muita perseverança
 Não porque ela o amasse
 Porém por uma esperança
 De se casar com um rico
 Só para fazer vingança.

Assim no dia seguinte
 Se achando muito bela
 Partiu para o escritório
 Preparando os planos dela
 Pensando encontrar Rodolfo
 No ponto esperando ela.

Porém quando chegou junto
 A um prédio em construção
 Avistou várias pessoas
 Numa grande confusão
 Nesse instante ela sentiu
 Um choque no coração.

Pois aquêlé prédio era
 O lugar que seu querido
 Sempre esperava por ela
 E o que tinha acontecido?
 Ao chegar ouviu o povo
 Lamentando o sucedido.

Curiosa penetrou
 No meio da multidão
 Porém sentiu uma síncope
 Que quase perde a razão
 Porque avistou Rodolfo
 Morto estirado no chão.

O rapaz tinha a cabeça
 Aberta por um tijolo
 O golpe foi tão profundo
 Que se avistava o miolo
 Linda saiu soluçando
 Sem encontrar um consólo.

Assim trabalhou o dia
 Com a alma entristecida
 À tarde foi para a casa
 Muito triste e abatida
 Sentindo o golpe profundo
 Da desgraça acontecida.

No outro dia cedinho
 O gazeteiro chegou
 Chamou a velha dizendo:
 -- Uma casa desabou
 É o namorado de Linda
 O Satanás carregou.

Está aí nesse jornal
 Pode ler como se deu
 O velho Adolfo pegou
 No jornal e alto leu
 Agora vamos saber
 Como o caso aconteceu.

"Ontem quase às oito horas
 Deu-se u'a maldição
 Porque parte de um prédio
 Que estava em construção
 Desabou matando um moço
 De alta reputação".

"Rodolfo de Melo Matos
 Estava de pé em frente
 Do prédio que desabou
 Quando imediatamente
 Os tijolos atingiram-no
 Morreu instantaneamente".

O velho acabou de ler
 Numa grande gargalhada
 O rapazinho espantou-se
 Com o ritmo da risada
 — Como é que uma desgraça
 Servia de palhaçada?

Depois a velha chamou-o
 E lhe disse com malícia:
 — Toma mais esta importância
 E continue com perícia
 Para ganhar mais dinheiro
 Quando nos trouxer notícia.

Recebendo a importância
 O menino ia correr
 — Não fuja não, disse Adolfo
 Venha um trago beber
 Comemorando a notícia
 Que acaba de trazer.

O gazeteiro espantado
 Com o medo gaguejou:
 — A sa-saúde de quem?
 Assombrado perguntou
 — É a saúde do Diabo
 Disse o velho e gargalhou.

O rapazinho bebeu
 O trago e saiu correndo
 Cheio de medo e assombro
 Consigo mesmo dizendo:
 Parece que contra gosto
 Um crime estou cometendo.

Linda nesse mesmo dia
 Voltou muito cedo até
 Encontrou seu velho pai
 Com a madrasta sem fé
 Tão bêbados, que muito mal
 Podiam ficar de pé.

Compreendeu muito bem
 Tudo que acontecia
 Era a morte de Rodolfo
 Que causava a alegria
 Porém jurou que um outro
 Em breve conquistaria.

Dito e feito, em poucos dias
 Um joalheiro arranjou
 Bonito, rico e bondoso
 Que dela também gostou
 Mas essa felicidade
 Com rapidez se acabou.

Com quatro dias apenas
Que o rapaz era amado
Em um desastre de trem
Morreu todo espedaçado
Assim a pobre menina
Perdeu mais um namorado.

Um novo brinde ao Diabo
Repetiu-se nesse dia
Por Adolfo e Anastácia
E o jornaleiro vigia
Que para ganhar dinheiro
Tôda noticia trazia.

Linda começou pensar
Na morte dos dois amados
Seria coincidência?
Ou arte dos seus pecados?
Ou era a madrasta que
Matava seus namorados?

Dois meses eram passados
Um circo veio à cidade
O dono era um tal Henrique
No fogo da mocidade
Solteiro, rico e simpático,
De alta capacidade.

No dia que avistou Linda
Ficou louco apaixonado
Ela aceitou o amor
Que a si foi ofertado
Porque o seu coração
Precisava ser vingado.

Pois tinha que aceitar
Qualquer oportunidade
Para se livrar do pai
Perverso sem caridade
E da madrasta infeliz
Queria ter liberdade.

Porém com esse rapaz
Novo desastre se deu
Uma jaula se abriu
Triste drama aconteceu
Soltou-se um leão faminto
Matou Henrique e comeu.

Novamente o gazeteiro
Com seu mau comportamento
Levou a noticia triste
Recebendo o pagamento
O trio brindou ao Diabo
Por esse acontecimento.

Dessa vez Linda chorou
 Que os olhos ficaram inchados
 Achou que era a madrasta
 Com atos endiabrados
 Que por vingança matava
 Todos os seus namorados.

Certa noite, ela voltava
 Do seu trabalho apressada
 Passando no matagal
 Por onde era obrigada
 Sentiu um pavor tão grande
 Que ficou arrepiada.

Entre umas nuvens negras
 Tinha a lua se ocultado
 Todo matagal estava
 Sôbre a treva mergulhada
 Duma estranha sensação
 Sentiu seu corpo atacado.

Nisso lembrou-se de casa
 Das duras obrigações
 Com pancadas da madrasta
 Seguidas de palavrões
 Sentiu o ódio invadi-la
 Com mil alucinações.

E com tôda raiva disse:
 — Já não posso sofrer mais
 Hei-de livrar-me daqueles
 Dois inimigos da paz
 Nem que precise casar-me
 Com o próprio Satanás.

Ao terminar as palavras
 Linda estava alucinada
 E no silêncio da noite
 Ouviu uma gargalhada
 Sentiu um choque que até
 A alma ficou gelada.

Das profundezas das trevas
 Viu surgir uma visão
 Um vulto que caminhava
 Vindo em sua direção
 Ela ficou como quem
 Estava pregada no chão.

O vulto se aproximando
 Com tôda fôrça falou:
 — Não fique assustada, Linda
 Que o seu Ângelo voltou
 Sou eu mesmo, e cheguei rico
 Linda não acreditou.

Mas a lua apareceu
 Ela olhou bem as feições
 De fato, o vulto era Ângelo
 Porém tinha condições
 Que lhe causavam terrores
 Dúvidas e apreensões.

Com uma voz de terror
 Disse o vulto novamente:
 — Não me reconhece mais?
 Linda disse tristemente:
 — Reconheço, porém acho
 Você muito diferente.

— Sou eu mesmo, a diferença
 Foi o trabalho demais
 Nas minas de ouro dos
 Sertões de Minas Gerais
 Amanhã mesmo, eu irei
 Para falar com seus pais.

Se eles não consentirem
 Aceitar a minha norma
 Para o nosso casamento
 Sei que você se conforma
 E sempre nós haveremos
 De casar de qualquer forma.

Ouvindo aquelas palavras
 A pobre moça tremia
 Porque a voz era áspera
 Parecendo que saía
 Das profundezas da terra
 Com um tom de tirania.

Porque conhecia o noivo
 De fato, aquêlé era êle
 Examinou bem o rosto
 Tinha às mesmas feições dêle
 E aquela tal diferença?
 Como tinha entrado nêle?

Pensava que o noivo era
 Tão meigo e tão educado
 E como voltava agora
 Por demais modificado?
 Só poderia ter sido
 Pelo trabalho pesado!...

O vulto disse: — E por que
 Você não quer me abraçar?
 É por que tem outro amor?
 Porisso vai me deixar?
 Nesse caso, eu vou embora
 Para nunca mais voltar.

Linda disse vendo nêle
 Sua última esperança:
 — Não vá embora querido
 Não me faça essa vingança
 E abraçou-se com êle
 Chorando como criança.

Dizendo com todo amor:
 — Eu não deixo você ir
 Você está diferente
 No falar e no agir
 Mas essas coisas agora
 Não devemos discutir.

— Foi o trabalho nas minas
 Pode me crer, minha amiga
 Que fêz com que minha voz
 Lhe parecesse inimiga
 Mas com sua convivência
 Voltarei à forma antiga.

— Espero que assim seja
 Disse a moça com um "quê"
 Esperei com muita fé
 Porque só amo a você
 E a recompensa do tempo
 Acredito que me dê.

O propósito do rapaz
 Era pedi-la de vez
 Porém ela conseguiu
 Que êle demorasse um mês
 Esperando nesse tempo
 Vê-lo com mais polidez.

Dois dias depois chegava
 O gazeteiro apressado
 Disse ao velho e à velha:
 — Linda tem um namorado
 Ouvindo aquela noticia
 O velho ficou danado.

— Ah! Maldita, disse o velho
 Não respeita mais a mim
 Esse namorado dela
 Agora eu vou dar-lhe fim
 Foi pegando a espingarda
 Mas a velha disse assim:

— Deixe comigo, meu velho
 Que o Satanás entra nêle
 Será mais um trabalhinho
 Para o Diabo cuidar d'êle
 Nisso o gazeteiro disse:
 — Eu sei até quem é êle.

Chama-se Angelo e é
Um antigo namorado
Que há muito viajou
Mas agora foi chegado
— Angelo? Exclamaram os velhos
Cada qual mais assombrado.

— É Angelo, disse o menino
Perguntei a vida d'ele
E tomando informações
Já me disseram que êle
Partiu pobre e voltou rico
E todos confiam nêle.

— Ah! Bandido, disse a velha
Com tua vida eu acabo
Pagou ao menino e disse:
— No dia que eu der cabo
Do bandido, você venha
Para "a saúde do Diabo".

Na mesma noite, Anastácia
Logo depois que jantou
Foi à casa de Manfredo
Todo o caso relatou
Depois da promessa d'ele
Bem satisfeita voltou.

Mas os dias se passaram
Três semanas completou
Sem nenhuma novidade
O velho Adolfo falou:
— Anastácia, dessa vez
Teu macumbeiro falhou.

— Espere mais, disse a velha
Quem sabe o que se passou?
Ele deve estar doente
Porisso não trabalhou
Porém com duas semanas
O gazeteiro voltou.

E disse: — Linda e o moço
Continuam namorando
O velho com tôda raiva
Foi logo acariciando
O cano da espingarda
Quando a velha foi falando:

— Nada disso, não se afobe
Mas o velho disse assim:
— O matagal é escuro
Será fácil para mim
Eu dou-lhe um tiro nas costas
Lá mesmo êle leva fim.

— Você vai para a cadeia
 Anastácia respondeu
 O velho disse: — Porém,
 Quem vai dizer que fui eu?
 Ninguém ficará sabendo
 Como a morte aconteceu.

Mas a velha retrucou:
 — Não está bem feito ainda
 Porque tôdas as suspeitas
 Não de cair sôbre Linda
 Eu falando com Manfredo
 Tôda essa questão se finda.

Todos os passos da moça
 O menino observava
 E vinha todos os dias
 Aos dois velhos contava
 Porém Linda com o Ângelo
 Muito feliz se achava.

Muito embora que êle agora
 Estava muito mudado
 Não tinha os bons ideais
 Daquele tempo passado
 Quando era religioso
 Caridoso e delicado.

Agora até evitava
 Para uma igreja olhar
 Quando acompanhava a noiva
 Era só para tentar
 Convencê-la de sômente
 Civilmente se casar.

Linda às vêzes concordava
 Para evitar a peleja
 Porém avistando um templo
 Dizia apontando: — Veja,
 Não! Eu só me casarei
 Com você, é na igreja.

Ele abaixava a cabeça
 Para ocultar seu furo
 Mas fazia uma careta
 Com tanto ódio e rancor
 Que se Linda o contemplasse
 Fugiria com pavor.

Pois quando êle era pobre
 Era muito caridoso
 Dava esmola aos mendigos
 Era muito atencioso
 Porém sendo rico agora
 Era mau e orgulhoso.

Certo dia, o bruto Angelo
 Vinha com a namorada
 Quando um pobre aleijadinho
 Estendeu a mão mirrada
 Lhe pedindo uma esmola
 Por Maria Imaculada.

— Para que queres dinheiro?
 O tal Angelo respondeu
 Se amanhã vais morrer?
 Mas Linda a esmola deu
 Porém o pobre aleijado
 No outro dia morreu.

De outra vez, eles dois
 Pela rua passeando
 Um vendedor de bilhetes
 Lotéricos, foram encontrando
 Angelo comprou logo um
 E foi à Linda entregando.

Dizendo: — É para você
 Comprar o seu enxoval
 Porém a moça espantou-se
 Achando aquilo fatal
 — Se fôr premiado, é claro
 Rematou êle afinal.

Dois dias depois a moça
 O bilhete conferiu
 Como estava premiado
 Grande surprêsa sentiu
 A metade do dinheiro
 Com os pobres repartiu.

Guardou a outra metade
 Aonde os pais não sonhavam
 Porém em casa os maltratos
 Mais a mais continuavam
 “Estaferma namoradeira”
 Era só como a chamavam.

Já não suportando mais
 Linda disse ao pai assim:
 — Angelo agora voltou rico
 O senhor não ache ruim
 Que ao depois de amanhã
 Ele vem pedir a mim.

O velho ficou calado
 Embora não satisfeito
 Porque poucos dias antes
 Anastácia tinha feito
 Uma visita a Manfredo
 Que disse: — O caso é sem jeito.

Vocês devem concordar
 E o casamento fazer
 Porque contra êsse tal homem
 Eu nada posso obter
 O velho sabendo disse:
 — Pois êle tem que morrer.

— Calma, calma, disse a velha
 Deixe dêsse desespero
 Já que o rapaz chegou rico
 Eu tenho um plano certo
 Daremos consentimento
 Se nos der muito dinheiro.

— Isso mesmo, disse o velho
 Eu vou ficar preparado
 Quando êle vir pedi-la
 Darei o golpe acertado
 Até que enfim, chegou
 O dia tão desejado.

As nove horas do dia
 Como havia prometido
 O tal Ângelo apareceu
 Que foi logo introduzido
 Na sala e cumprimentou
 Todos com gesto atrevido.

Dizendo: — Como é Adolfo?
 Vai permitir ou não vai?
 Que eu case com sua filha?
 Veja a resposta que vai
 Porque se não aceitar
 Um de nós dois hoje cai.

Sou multi-milionário
 Do jeito que você gosta
 — Me respeite, disse o velho.
 Não gostei dessa proposta
 Disse o moço: — Eu perguntei
 Agora quero a resposta...

— A minha resposta, é não
 Puxe logo e vá embora
 Linda é muito criança
 De noivar não está na hora
 Só tem dezessete anos
 Não pode casar agora.

— É mentira, disse o Ângelo
 Faça lá o que quiser
 Ela tem vinte e um anos
 Pode fazer o que quer
 Namorar com todo mundo
 Casar com quem lhe aprover.

— Quer saber mais do que eu
 Que sou o pai sem enganos?
 Ela só tem dezessete
 Vou dismantelar teus planos
 — Volto a afirmar, disse Ângelo
 Ela tem vinte e um anos.

Anastácia disse: — Ângelo
 Parece que não tem fé
 Não acredita na gente
 É igual a São Tomé
 Vou buscar a certidão
 Para mostrar como é.

— Boa idéia, disse Adolfo
 Vá buscar neste momento
 Para não se perder tempo
 E resolver-se a contento
 Anastácia voltou logo
 Conduzindo o documento.

Quando a velha foi chegando
 Logo o Ângelo arrebatou
 O registro das mãos dela
 E ao pai da moça mostrou
 Dizendo: — Olhe aqui patife
 Repare quem se enganou?

Veja que estamos em mil
 Novecentos e vinte e trez
 Mil novecentos e dois
 Foi o ano que vocês
 Registraram e como querem
 Mil novecentos e seis?

O velho ficou tremendo
 Pela emoção, depois
 Quis falar, porém não pôde
 Também em nada se opôs
 Porque ali estava escrito
 Mil novecentos e dois.

Mas ôle tinha a certeza
 Até da data do mês
 Que antes estava escrito
 Mil novecentos e seis
 E como tinha mudado
 Com tamanha rapidês?

Linda vendo a diferença
 Com o susto quase cai
 Vendo o pai pálido tremendo
 Como quem dum túmulo sai
 Perguntou quase chorando:
 — O que aconteceu papai?

— Não foi nada, disse Angelo
 É a seu pai que compete
 Isso é de quem não sabe
 E nas coisas se intromete
 Você tem vinte e um anos
 Não apenas, dezessete.

— Eu tenho vinte e um anos?
 Perguntou Linda assustada
 — Pode ver você também
 Se está desconfiada
 Falou o suposto Angelo
 Seu pai não sabe de nada.

Com as duas mãos tremendo
 Achando aquilo impossível
 Linda tomou o papel
 Das mãos do noivo insensível
 Olhando a data, pensou:
 Como seria possível?

Pois tinha toda certeza
 Que se o pai se opôs
 Era porque estava certo
 E o que passou-se depois?
 Que agora estava escrito
 Mil novecentos e dois?

Nessa confusão, o Angelo
 Voltou logo a insistir
 Perguntando ao pai de Linda:
 — Vai ou não vai consentir?
 O velho tremendo, disse:
 — Eu tenho que permitir.

Já que não há mais remédio
 Não posso mais obstar
 Dou o meu consentimento
 Porém preciso avisar
 Que só daqui há dois anos
 Vocês poderão se casar.

— Isso não, respondeu Angelo
 Eu não vou mais nesse embrulho
 Só posso esperar um mês
 Para abater seu orgulho
 Sendo hoje cinco de junho
 Me caso a cinco de julho.

O velho Adolfo vencido
 Só teve que concordar
 Porque com "aquêlê homem"
 Já não podia lutar
 Pois tôdas as suas forças
 Ele sabia esmagar.

Assim despediu-se o Angelo
 E o velho com rapidês
 Foi olhar o documento
 Viu com tôda nitidês
 Mil novecentos e dois
 Não mil novecentos e seis.

A velho vociferou:
 — Veja que atrapalhada!
 Foi a sua hebedeira
 Que fêz a data trocada
 Agora não tem mais jeito
 Que a palavra já foi dada.

— Cala essa bôca, cretina
 Disse o velho furioso
 Eu já sei como é que acabo
 As manhas dêsse tinhoso
 E olhou a espingarda
 Com olhar de criminoso.

Os trinta dias do mês
 Passavam rapidamente
 Durante o noivado, Angelo
 Lutava continuamente
 Contra Linda, para que
 Só casassem civilmente.

Quando Linda estava longe
 Das igrejas, concordava
 Porém avistando um templo
 Como quem se acordava
 Dizia a êle que só
 Na igreja, se casava.

O noivo ouvindo as palavras
 Ficava encolerizado
 Dizia para si mesmo:
 Em breve eu serei vingado
 Farei mais um sacrificio
 Só para me ver casado.

O rapaz todos os dias
 A sua noiva esperava
 À porta do Escritório
 E depois acompanhava
 Ela, até perto da casa
 Se despedia e voltava.

Porém certa ocasião
 Depois da moça deixá-lo
 Um pouco adiante lembrou-se
 Que precisava avisá-lo
 Voltou em tôda carreira
 Na esperança de encontrá-lo.

Então o aviso"era
 Para que o seu amado
 Não fôsse no outro dia
 Para o ponto combinado
 Esperá-la, porque era
 Esse dia um feriado.

Quando já ia alcançá-lo
 Parou, com assombro e medo
 Viu uma sombra sinistra
 Atrás de um arvoredó
 Conheceu seu velho pai
 Compreendeu o segredo.

O velho Adolfo apontava
 Com a espingarda na mão
 A moça inda quis gritar
 Porém perdeu a ação
 Não sabia o que fizesse
 Naquela situação.

Nesse momento, dois tiros
 Da espingarda saíram
 E bem nas costas de Angelo
 Os projéteis atingiram
 Porém as carnes do moço
 Parece que não sentiram.

Pois seguiu, como se nada
 Lhe tivesse acontecido
 Pelo gesto parecia
 Que nem sequer tinha ouvido
 Enquanto o velho corria
 Para casa espavorido.

Quando Linda entrou em casa
 Sua madrasta assassina
 Mandou-a logo à farmácia
 Comprar uma instantina
 Enquanto o pai se queimava
 Numa febre repentina.

Com tudo, Linda pensava
 Que o noivo tinha morrido
 Caiu num choro profundo
 Relembrando o seu querido
 E vendo no pai agora
 Um criminoso bandido.

Porém dois dias depois
 Do Escritório saindo
 Viu o moço à sua espera
 Lendo e se distraíndo
 Linda quase desmaiava
 Quando viu êle sorrindo.

Olhou-o detidamente
Nem sinal de fermento
Seria que o seu pai
Com vexame, no momento
Haveria errado o alvo?
Não achava um pensamento.
 Estaria embriagado?
 Não poderia ter sido
 Famoso na pontaria
 Gabado e reconhecido
 E o que seria que tinha
 Realmente acontecido?

Nisso o rapaz disse: — Linda
Fique aqui me esperando
Que eu vou comprar cigarros
A moça viu êle entrando
No bar e ela de cá
Ficou tudo observando.
 Numa das bancas estava
 Um temível valentão
 Arruaceiro e perverso
 Conhecido por Chicão
 Que Ângelo diante d'êle
 Era um gato, êle um leão.

Há muito tempo que êle
Quis a Linda conquistar
Porém nada conseguindo
Quis agora se vingar
Levantou-se e dirigiu-se
Para ao rapaz humilhar.
 Chegando junto ao balcão
 Disse; — Bote uma "bicada"
 Pisou bem num pé de Ângelo
 E deu uma gargalhada
 O moço ficou calado
 Como quem não sentiu nada.

Chicão topou no rapaz
E perguntou: — Como é?
Você não pedir desculpas
Porque pisei no seu pé?
O moço continuava
Como quem não dava fé.
 Com o caso, já sorriam
 Os amigos de Chicão
 Êle também gargalhou
 E gritou junto ao balcão:
 — Vai ou não, pedir desculpas
 Cara de papa-mamão?

O noivo de Linda agora
Sem demonstrar sentir dor
Virou-se e fitou os olhos
Do seu mau provocador
Nesse instante aconteceu
Uma cena de terror.

Porque Chicão reclinou
De olhos esbugalhados
Foi cair junto aos amigos
Aonde estavam sentados
Que também diante à cena
Recuaram apavorados.

Nessa hora saiu Angelo
Deixando ante os presentes
Um pavor que transformou-os
Em estado de dementes
O Chicão perdeu a fala
Tremia e batia os dentes.

Por mais que lhe perguntassem
Ele nada respondeu
E o motivo do pavor
Ninguém nunca conheceu
Sómente Linda ficou
Gostando do que se deu.

Afinal chegou o dia...
Os noivos foram casar
Casaram-se civilmente
Depois conseguiram entrar
Pela porta da matriz
Em direção do altar.

O noivo de vista baixa
Para ninguém não olhava
Ia ficando vermelho
Como quem se incendiava
Enquanto isso, um rapaz
Na cidade penetrava...

Saltou dum belo automovel
Um jovem bem alinhado
Mostrava que era rico
Porém seu rosto queimado
Demonstrava o seu esforço
Em um trabalho pesado.

Era o verdadeiro Angelo
Que nesse dia chegava
Saltou perto do Escritório
Onde Linda trabalhava
Ficou oculto esperando
P'ra ver quando ela passava.

Na hora os funcionários
De um a um foi saindo
Sairam todos, e Linda
Porque não teria vindo?
Estava ela doente
Alguma coisa sentindo?

Seria que ela havia
O emprêgo abandonado?
Ou tinha arranjado outro
E já havia casado?
Um milhão de pensamentos
Deixaram êle atordoado.

Resolveu entrar no bar
Porque ainda era cedo
Os fregueses vendo êle
Correram todos com mêdo
O rapaz vendo pensou:
Aqui existe um segredo.

Assim pensando seguiu
Para a casa da donzela
Mas no caminho encontrou
Um rapaz conhecido dela
Vendo que êle espantou-se
Então perguntou por ela.

O rapaz mais espantado
Disse: — O senhor por aqui?
— Esta é boa; eu é quem ia
Perguntar, porque lhe vi
— Já casou ou vai casar?
O que há dentro de si?

O senhor não é o noivo?
Como está me perguntando?
Não deixei-o agora mesmo.
Na igreja se casando?
O rapaz nem respondeu
Quase louco foi andando.

Como era que podia
Ele estar casando agora?
Se dirigiu à igreja
Lá chegou na mesma hora
Viu grande aglomeração
Se aproximou sem demora.

Era Linda quem entrava
Tôda risonha e faceira
O véu parecia as nuvens
Duma aurora brasileira
Conduzindo um ramallete
De botões de laranjeira.

Quando Angelo avistou Linda
 Ficou branco, estupefacto
 Olhando no noivo, viu
 Realmente o seu retrato
 Até a roupa era igual
 Ficou pensando no fato.

O tal noivo recebeu
 A bela noiva ao entrar
 Caminharam os dois de braços
 Para junto do altar
 Porém os olhos do noivo
 Começaram a faiscar.

E com isso o rosto dêle
 Começou avermelhando
 Os olhos soltando fogo
 E a roupa foi fumaçando
 Quando o padre aproximou-se
 A "bomba" foi estourando.

Porque o corpo do noivo
 Nessa hora incendiou-se
 As labaredas cobriram
 O povo todo afastou-se
 E um mau cheiro de enxôfre
 Pela igreja espalhou-se.

Quando a roupa foi queimada
 Acabou-se todo o gabo
 Só ficou um esqueleto
 Com dois chifres e um rabo
 Todos gritaram: - Socorro!...
 É a figura do Diabo.

Nesse instante, o velho padre
 Pediu a Deus uma graça
 Levantando o crucifixo
 O "bicho" virou-se em massa
 Explodiu e encantou-se
 Numa nuvem de fumaça.

Linda perdeu os sentidos
 Os convidados gritavam
 O padre fazia preces
 As mulheres desmaiavam
 Os mais medrosos corriam
 E pela rua alarmavam.

Mas o verdadeiro Angelo
 Correu e apanhou Linda
 Quando ela abriu os olhos
 Pensando no Diabo ainda
 Não reconheceu o noivo
 Quase de medo se finda.

Porém Ângelo disse logo:

— Linda, querida, sou eu

O seu verdadeiro Ângelo

Ela olhando, respondeu:

— Meu Jesus, será possível

Que o meu Ângelo apareceu?

— Sou eu mesmo, disse Ângelo

Graças a Deus aqui estou

Agora vamos casar

A nossa hora chegou

Deus como um Pai Poderoso

Ao Satanás expulsou.

O padre disse: — Eu só caso

Se ouvi-lo em confissão

O rapaz disse: — Estou pronto

E foi com o capelão

Ao confessorário

Recebendo a comunhão.

Depois d'ele confessado

O padre veio e chamou-os

Os noivos se aproximaram

O sacerdote casou-os

Terminando a cerimônia

Ele ainda aconselhou-os.

Disse o rapaz: — No civil,

O Diabo por mim casou

Assim estamos casados

O vigário confirmou

Disse as últimas palavras

Por Deus os abençoou.

Os convidados diziam

Depois do moço casado:

— Foi obra do Satanás

Esse ato endiabrado

Porém Deus não permitiu

Que fôsse realizado.

Os noivos se retiraram

Cheios de felicidade

Para os braços do amor

Num recanto da cidade

Aonde foram matar

As agruras da saudade.

Adolfo e a feiticeira

Já não tinham mais enganos

Sabiam que o Satanás

Tinha feito aquêles danos

Na certidão Linda tinha

Mesmo, dezessete anos.

Anastácia quando soube
 Disse com todo rancor:
 — Só há um remédio que
 Liquida esse traidor
 Vou à casa de Manfredo
 Pedir-lhe mais um favor.

Cheia de ódio se foi
 A feiticeira malvada
 Porém é que a velha ponte
 Estava desmantelada
 Ela escapou no rio
 Onde morreu afogada.

Dias mais tarde, a polícia
 Seguindo um certo roteiro
 Numa "batida" prendeu
 O Manfredo feiticeiro
 Que além de bruxo, era
 Também grande cachaceiro.

Adolfo sem Anastácia
 Abandonou a bebida
 E também os outros vícios
 Passando a ter nova vida
 Foi morar com o seu genro
 E a sua filha querida.

Em um lindo palacete
 Que Ângelo tinha comprado
 O velho Adolfo vivia
 Satisfeito e remogado
 Pelo conforto que tinha
 Esqueceu-se do passado.

Com três anos já havia
 Três bonitas criancinhas
 Ângela, Lúcia e Diolinda
 Três mimosas bonequinhas
 A vida do avô era
 Brincar com as três netinhas.

Ângelo sofreu na vida
 E Linda também sofreu
 Ele procurou a sorte
 E Deus o favoreceu
 Ela enfrentou Satanás
 Lutou com fé e venceu.

Agora vivem felizes
 Linda, o pai e as três filhas
 Morando num palacete
 Entre as belas maravilhas
 Linda brincam sem astúcia
 Diolinda, Ângela e Lúcia
 Ângelo segue as mesmas trilhas.

4373

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

- **PRÍNCIPE E A FADA** — História comovente e emocionante, no tempo em que havia fadas. Entrelaçam-se para formar esta história, o amor, mistério e a coragem. Versos de Manoel Pereira Sobrinho.
- **VALENTÃO DO MUNDO** — História de um homem aventureiro que desconheceu o medo. Caçador exímio e cheio de coragem, Valentão vive as mais audaciosas aventuras. Versos de Manoel Pereira Sobrinho.
- **ENJEITADO DE ORION** — A tocante história de uma formosa rainha que sedenta de amor pelo filho de seu próprio esposo, não hesita em turvar as cristalinas águas que circundam o pedestal do seu brilhante futuro. Versos de Delarme Monteiro da Silva.
- HENRIQUE SALCEDO** — Uma história envolvente, cheia de perigos, de traição e luta. Uma história famosa nos pampas do sul. Uma história nascida para perpetuar-se através de gerações sem fim.
- A ORFÃ ABANDONADA** — A comovente narrativa que tem como palco a Europa Ocidental, particularmente Espanha e França, plena de emoções, aventuras, sofrimentos, tristeza e castigo. Em versos.
- HISTÓRIA DO BICHO DE SETE CABEÇAS** — As aventuras do valente soldado Simeão que lutou e abateu o temível dragão de sete cabeças que ameaçava a população de um reino da fantasia. Em versos.
- HISTÓRIA DO PAPAGAIO DE OURO** — A romântica história de amor de Natanael e Virgínia e da bruxa que decidira tudo fazer para impedir a realização dos sonhos do casal. Em versos.
- PELEJA DE ZÉ PRETINHO COM MANOEL RIACHÃO** — Toda a força poética, plena de espontaneidade, vivacidade e aquela fantástica capacidade de improvisação do cantador caboclo, num "desafio" típico do nosso folclore.
- NOVAS ASTÚCIAS DO BERTOLDO** — Volta o poeta Paulo Nunes Batista a contar as terríveis matreirices do irrequieto e astuto Bertoldo, numa nova série de "casos" inéditos e curiosos.
- NO TEMPO DE BOCAGE** — Para rir a mais não poder. As mais divertidas anedotas e histórias jocosas, reunidas num novo volume com que a Editora Prelúdio brinda os apreciadores do gênero.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações,
dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo